



# PALCO ILUMINADO

Francisco Cândido Xavier  
Espírito de Jair Presente

## Conteúdo

|                             |    |
|-----------------------------|----|
| A GRANDE DICA .....         | 4  |
| A DESCULPA.....             | 5  |
| DIA FELIZ.....              | 7  |
| CRÍTICAS.....               | 8  |
| AVAREZA .....               | 9  |
| EXPLICAÇÃO .....            | 10 |
| CONVERSA DE AMIGO.....      | 11 |
| COUSAS DE RISCO.....        | 12 |
| ESPANTO .....               | 14 |
| UMA PERGUNTA.....           | 16 |
| ALIMENTOS E ANIMAIS .....   | 17 |
| EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA ..... | 19 |
| O FURTO NÃO COMPENSA .....  | 21 |
| PARENTES.....               | 23 |
| TESTES.....                 | 25 |
| VITÓRIA DO AMOR.....        | 26 |
| FOFOCA .....                | 29 |
| ONDE NASCE O MAL .....      | 31 |
| SURPRESA.....               | 32 |
| A RESPOSTA DO GUIA .....    | 34 |
| FALTAVA.....                | 35 |

## A GRANDE DICA

**Jair Presente**

Vocês não me conheceram  
Como eu era, como estava,  
Mas sabem por indução:  
Não passei de "pinta brava".

Caridade não preguei,  
Bem aos outros nunca fiz,  
Embora tivesse um pai  
Que me deu tudo o que eu quis.

Dos passeios preferidos,  
Como ocorre a homem qualquer,  
O meu era ir a praça  
Sentir cheiro de mulher.

Por isso, não posso agora  
Recolher-me em algum canto  
E rezar a "Ave Maria"  
Botando banca de santo.

Mas posso trazer-vos hoje,  
Com meu coração feliz,  
Algo maior dica da lei,  
Que é: "amai-vos uns aos outros,  
Assim como vos amei".

## A DESCULPA

**Jair Presente**

Antonio Homero de Souza,  
Professor e cientista,  
Dizia com seriedade  
Ao Amigo João Batista:  
- "João, dê amparo às crianças...  
Nossa vida ruralista  
Chega a ser calamidade.  
Observe e fique certo,  
Os nossos males extremos,  
A meu ver, mais da metade,  
Vem daquilo que bebemos.  
Conheço muitas famílias,  
Formadas por gente nossa,  
Que se servem de água impura,  
De poço perto de fossa...  
Há pessoas que consomem  
Venenos de água parada,  
Meninos soltos nas ruas  
Sorvendo grossa enxurrada!  
Noto pessoas distintas,  
Que tomam banho em lagoa,  
Na cultura de micróbios,  
Pensando que é cousa à-toa...  
E os alcoólicos? Nem sei  
O que se vê por aí.  
É licor de jenipapo,  
De araticum e pequi...  
São muitos os imprudentes,  
Passo vão, cabeça oca,  
Que morrem. Antes do tempo,  
Qual o peixe pela boca...  
Precisamos de campanhas,  
Fazê-las inda não pude,  
Alguém deve proteger  
A defesa da saúde."  
João, que estava impressionado  
Por tudo quanto escutara,  
Dirigiu-se ao professor,  
Perguntando, cara a cara:  
-"E o senhor, Doutor Antonio,  
Preservando, a própria vida,  
O que usa com freqüência

Em matéria de bebida?"  
O professor respondeu,  
Sem qualquer tom de chalaça:  
-"A fim de que eu viva bem,  
Só bebo a nossa cachaça..."  
À pressa, porém, pensou  
Na grande malícia humana,  
E falou para Batista:  
-"Mas a cachaça que eu bebo  
Tem sementes de umburana."

## **DIA FELIZ**

**Jair Presente**

Agradeço o seu bilhete  
E tudo quanto me diz,  
Solicitando receita  
Que faça o dia feliz

Ao levantar-se da cama,  
Procure por seu trabalho,  
A profissão é bigorna  
Dever é sempre seu malho.

Não acolha tentações  
Conserve claro juízo,  
Use o chá de "cale a boca"  
Só fale o que for preciso.

Respeite a hierarquia.  
Se o chefe erra em serviço,  
Permaneça em seu lugar  
Sem comentar nada disso

Esqueça o mal que se foi,  
Pense na força do bem.  
Não olvide a cortesia,  
Nem trate mal a ninguém.

Ofereça o seu sorriso  
A quem passar ou vier,  
Brincadeiras e anedotas  
Evite quanto puder.

Aprenda a pedir favor  
E a quem lhe preste cuidado  
Seja sempre agradecido,  
Dizendo: "muito obrigado".

Não fique olhando nos outros  
O defeito ou cicatriz,  
E assim estará vivendo  
Na paz do dia feliz.

## CRÍTICAS

**Jair Presente**

Você nos pergunta, aflito:  
-“Na mágoa de que me inundo,  
Como agir, fazendo o bem,  
Ante os caminhos do mundo?

Qualquer esforço que eu faça  
Na caridade ou na fé,  
Atrai amigos da onça,  
A me pegarem no pé...

Sou fiel aos meus deveres,  
Trabalho e sirvo, a contento,  
Por que a crítica em tudo  
É o meu acompanhamento?”

A nossa resposta é curta:  
- “Na vida quem menos erra  
terá o sarcasmo alheio  
Por duro fiscal na Terra;

Mas, se você quer andar  
Sem pedras na própria estrada,  
Fique de sombra e água fresca  
E viva fazendo nada.”



## AVAREZA

**Jair Presente**

Avareza é um mal sem nome  
No entanto, se bem me explico,  
É um homem que passa fome  
Para ser defunto rico.

## EXPLICAÇÃO

**Jair Presente**

Nunca senti frio assim,  
No Brasil, de Norte a Sul,  
Nem mesmo ao tremer na morte,  
Nas águas de Praia-Azul...

É gelo ferindo no ar,  
Ardendo que nem pimenta,  
Não escrevo nesta noite  
Porque o médium não agüenta...

## CONVERSA DE AMIGO

**Jair Presente**

Meus irmãos, estais sofrendo  
Com malícias de jornal  
Não vos rendeis a palpites,  
Cedendo às sombras do mal.

A reportagem dos homens,  
De que o bem não compartilha,  
No dicionário do mundo  
Tem o nome de armadilha.

Usai o discernimento,  
A luz do cristo e a razão  
Tendes o trio dos Céus:  
-Silêncio, paz e oração.

## COUSAS DE RISCO

**Jair Presente**

De cousas desagradáveis  
Você nos pede, Gaspar,  
Mencionar todas aquelas  
Que devemos evitar.

Cousas de risco são muitas,  
Por atacado e a granel,  
Por nomes não caberiam  
Nesta folha de papel.

Mas destacamos algumas  
Que são de efeito fatal,  
Arrojando-nos a vida  
Na antiga rede do mal.

Deus nos livre, onde estiver,  
De mulher alcoviteira,  
De homem parlapatão,  
De conversinhas de feira.

De vento pela janela,  
De garoa que aconteça,  
De mandraca encomendada  
Que lhe fique na cabeça.

De bailes muito assanhados  
Com muita mulher bonita,  
De mocinha despachada  
Toda enfeitada de fita.

Na rua, seja onde for,  
Não escute o palavrão,  
Trombadinha é sempre o meio  
De acolher a obsessão.

Fuja aos copinhos de cana ,  
que se seguem, um a um..

É por aí que começa  
O tropeção do bebum.

Na comida não se tome  
Do peixe muito guardado,  
Do bolo de muitos dias  
Para o café requentado.

Comer pouco e viver muito,  
Isso é lei da natureza,  
Não caia nas ilusões  
Do prato e da sobremesa.

Não entre em casa do outros  
De onde não possa sair.  
Em favor, dar com bondade  
Vale mais do que pedir.

Quanto ao mais em cada caso,  
Não se esqueça da oração,  
O céu responde na idéia  
Através da inspiração.

## ESPANTO

**Jair Presente**

Juca Monteiro, no sítio,  
Estava octogenário,  
Sempre alegre e acolhedor,  
Muito embora solitário.

Preso à cadeira de rodas  
Depois de grave acidente,  
Não lastimava a velhice  
Nem se dizia doente.

Cedo ficara viúvo  
E as duas filhas casadas  
Residiam longe dele,  
Amigas e dedicadas.

Mantinha, porém, consigo  
Os seus próprios defensores:  
Quatro cães policiais  
E um casal de servidores.

No dia em que fomos vê-lo  
Em serviço de assistência,  
Mostrava-se qual criança...  
Chegara um dos netos dele,

O jovem Paulinho França.  
Monteiro muito contente  
Conversava em segura,  
Admirava no moço  
A gentileza e a cultura.  
Em certo instante, Paulinho  
Comunicou ao doente  
Que cedo viajaria,  
A fim de seguir à frente...

E acentuou constrangido:  
- "Rogo ao senhor me revele  
Vou ver contas de meu pai,  
Mas voltarei muito em breve."  
O avô disse concordar  
E explicou que ele sabia  
Que o genro necessitava  
De pôr as contas em dia.  
O neto voltou à carga,  
Consultando, apreensivo:  
-"A pedido da mamãe,  
preciso eu de levar  
as fotos do mano Altivo.  
Rogo ao senhor emprestar-me  
A chave do quarto dela,  
É aquele muito abafado  
Pela falta de janela..."  
O avô atendeu, de pronto.  
Retirou a dita chave  
De um molho com laço forte  
E disse-lhe: "Achar retratos  
Com tanta pressa, meu filho,  
Seria ter muita sorte.  
Procure entrar no aposento,  
Entretanto, acenda velas,  
Pois o quarto é muito escuro...  
Caminhe lá com cuidado,  
Aqui, há sempre monturo..."  
O rapaz, incontinente,  
Toma a chave e eis que se apruma;  
Vai ao quarto, a pé ligeiro,  
Mas sem levar luz alguma.  
Fechando-se lá por dentro,  
Tateia caixas em pilha  
Retira logo a terceira  
Por saber que ela guardava  
Os brilhantes da família.  
Mergulha as mãos entre as pedras,  
A ambição lhe surge e cresce,  
Levaria do tesouro  
Os brilhantes que pudesse...  
Agitando as pedras todas  
O moço geme e se estaca,  
Sem tirar pedra nenhuma,  
Tocado de dor aguda,  
Caiu no piso, gritando,  
Mordido de jararaca.

## UMA PERGUNTA

**Jair Presente**

Tanto ouvi as suas queixas,  
Meu caro Adão Xavier,  
Que fui ver, pessoalmente,  
O que é que você quer.  
Você tem lanche graúdo,  
Ao levantar-se da cama,  
Muito cedo, se detona  
O conforto em seu programa.  
Aos pais amigos que o cercam  
Você engrola um "bom dia",  
Põe defeitos no café,  
Mostrando grande arrelia.  
Você tem casa e emprego,  
Toma ônibus seguro  
Atendendo ao necessário,  
A resguardar o futuro...  
Você toma refeições  
Seguidas de sobremesa,  
Usufriui, quando quiser,  
Os frutos da natureza.  
Você não é milionário,  
Mas tem força e tem saúde,  
Tem o seu time de bola,  
Que, às vezes, entra no grude.  
Você ganha o necessário  
Para manter a existência,  
Com garantias de lei  
E apoio de previdência.  
Você tem telefone,  
O rádio, a televisão,  
Tem o mundo à sua frente,  
A notícia, a informação...  
Dispõe de amigos leais



Para o que der e vier...  
Então lhe pergunto: "Adão,  
O que é que você quer?"

## ALIMENTOS E ANIMAIS

**Jair Presente**

Meu caro Neca da Silva  
Depois de suas andanças,  
Em pocilgas e currais,  
Eis que você me pergunta  
Se vale a pena comer  
A carne dos animais.  
Você faz notas, a jorro,  
Nos comentários do assunto,  
Diz que viu gente vendendo  
Carne de gato e cachorro.  
Demonstrando grande susto,  
Indaga você com asco  
Se esse hábito é justo  
Mesmo em festas com churrasco.  
Você sabe: enquanto a gente  
Está no mundo, afinal,  
Quase ninguém, dá valor  
À existência do animal.  
Comemos, com desrespeito,  
Cobras, macacos, cabritos,  
Carneiros em profusão,  
Que morrem chorando aflitos;  
Trinchamos bois às manadas  
E pobres vacas doentes  
Que tombam desesperadas.  
Devoramos caititus,  
Jacarés, ratos do campo,  
Tamanduás e tatus.  
O amigo Juca Mendonça,  
Em sua casa no sítio,  
Adora carne de onça.  
De rãs e leitões gorduchos,

É sempre grande a procura,  
E há quem estime a farofa  
Com bumbuns de tanajura.  
Dessa prática em geral,  
De agressão a tantas vidas,  
Vão surgindo em toda parte  
Moléstias desconhecidas.  
A solução do problema  
Para nós está no escuro;  
Esperemos vida nova  
Que apareça no futuro.  
Quanto ao mais é paciência...  
Depois proteja os animais,  
Calmia é remédio bem-vindo.  
O homem faz a matança  
E as doenças vai seguindo...

## EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

**Jair Presente**

No grupo de companheiros  
Fiéis à causa do bem,  
Surgiu, através de um médium  
Nova entidade do Além.

Falou, em nome de Deus,  
Com notável prelação,  
Lançou divino convite  
À paz e à renovação.

Pedi a extinção do ódio,  
Chorou ante a dor da Terra,  
Pedi ao Pai não deixasse  
Que o mundo voltasse à guerra.

Destacou na caridade  
A virtude soberana  
E disse ver no egoísmo  
A chaga da vida humana...

Notando-se grande pausa,  
Indagou o diretor,  
O prezado Lucas João:  
-"Quem sois vós, meu caro irmão?"

O emissário respondeu,  
Mostrando humildade e fé:  
-"Meu nome? Posso dizê-lo,  
Sou Jesus de Nazaré".

Com o assombro dos presentes

E chorando de emoção,  
O diretor em serviço  
Deu por finda a reunião.

Toda a equipe, extasiada,  
Julgou o fato perfeito:  
Tinha sido visitada  
Por Jesus, o Grande Eleito

Explodiram comentários,  
Ferveram opiniões,  
Ampliaram-se na casa  
Romarias e orações.

Centenas de companheiros,  
Mostrando sede de luz,  
Queriam ouvir, de perto,  
A palavra de Jesus.

Muitos pediam a bênção  
Ao amado protetor,  
Que respondia, sereno,  
Com frases de paz e amor.

Certa noite, o Téo Barradas  
Indagou ao grande irmão:  
-“Mestre, quais são as notícias  
Do vosso apóstolo João?”  
O mensageiro no médium  
Escuta, pensa, sorri...  
Depois diz à multidão:  
-“Quem sou? Quem sou eu aqui?  
Não guardeis ingenuidade,  
Brilha a verdade por luz  
E a luz é sempre o que é!...”

Tive o nome de Jesus,  
Fui apenas sapateiro,  
Natural de Pernambuco,  
Da cidade Nazaré,  
Cidadão pernambucano,  
Sou Jesus de Nazaré...”

## O FURTO NÃO COMPENSA

**Jair Presente**

Dizem que o sábio Confúcio,  
Notável mestre chinês,  
Foi, um dia, procurado  
Por manhoso camponês.

De começo, disse o homem:  
-“Mestre, perdoe!...Sou ladrão!...  
auxilie-me a encontrar  
minha própria salvação...”

- O Que há? – falou Confúcio.  
E o amigo respondeu:  
-“Perdão para as faltas minha!...  
Sem intenção, cada noite,

Furto quarenta galinhas...  
Mestre, o que devo fazer  
Contra esse enorme delito?  
Ando agora acabrunhado,

De espírito amargo e aflito.”  
O sábio aclarou sereno,  
Em voz amiga e pausada:  
-“Meu amigo, você sabe,

Na justiça que nos rege,  
Cada galinha roubada  
Exige uma chicotada.  
Volte a casa e faça preces,

Corrija-se e viva, em suma,  
E, de agora para a frente,  
Esteja são ou doente,  
Não furte galinha alguma!...”

Despediu-se o consulente  
E falou a sós consigo:  
-“Seguirei o mestre amigo,  
Mas não sou precipitado.

Atenderei a Confúcio,  
Nas linhas do meu desejo,  
Não furtarei no atacado,

Mas furtarei no varejo..."

Na noite que se seguiu,  
Ele roubou trinta e nove,  
Depois rezou: "Deus me valha!...  
Que a minha fé se renove!..."

Na outra noite, ele furtou  
Até somar trinta e oito  
E clamou: "Que o Céu me ampare!  
Não devo ser muito afoito!..."

Nova noite e ele empalmou  
As coitadas trinta e sete.  
Logo após, rezou: "Pai Santo,  
Só busco o que me compete!..."

Outra noite: Trinta e seis.  
E mais outra: Trinta e cinco.  
Ele orou: "Pai de Bondade  
Preciso de mais afinco!..."

Chegando no fim da tarefa,  
Que consistia no furto,  
Ei-lo nas mãos da polícia  
Que o prendeu no passo curto.

Ante as faltas confessadas,  
O pobre morreu gemendo,  
Nas quarentas chicotadas.

## PARENTES

**Jair Presente**

- "Venha cá , minha Vivila!..."  
Dizia Neca Sobral,  
Chamando a esposa à leitura  
Da notícia de um jornal...

E acrescentava, contente,  
"Eis, enfim!...Veja você  
Eu creio que a nossa casa  
Fugirá do miserê..."

Morreu meu avô Paulino,  
Nosso grande fazendeiro,  
E já sei, desde menino,  
Que sou o único herdeiro!..."

A esposa leu a notícia  
E, embora muito espantada,  
Sorria, sem dizer nada.  
Neca, porém, prosseguiu:

- "Vivila, entre em ação,  
Ligue o rádio e encontraremos  
A justa confirmação."  
De fato, o jornal falado

Disse, entre os flashes da hora:  
- "A nossa cidade chora...  
Faleceu Paulino Serra,  
O homem bom de nossa terra!..."

E neca explicou, veemente:  
- "O meu avô certamente  
Morreu, segundo previa.  
Enfarte aparece e arrasa

Com muita gente, hoje em dia!...  
Vivila, você se apresse.  
Escute: vista-se bem,  
Não temos tempo a perder,

nossa dor é muito grande,

Vendo um parente a morrer...  
Choremos a avô querido,  
Por fora, é a nossa tristeza,  
Por dentro, compreendamos  
Que felizmente atingimos  
A nossa própria riqueza.  
Já estou formando planos..  
Será nossa, apenas nossa,  
A grande e bela fazenda,  
A fazenda do Monjolo!...  
Eu por ela sou gamado,  
Desde os meus tempos de colo!...  
Mas não será posta à venda,  
Precisamos conservá-la,  
Para termos boa renda...  
Nos Bancos, nós dois teremos  
Não mais tostões com tostões,  
Receberemos de herança  
Uns vinte e sete milhões!..."  
Nisso, alguém bateu à porta.  
Neca abriu-a, mas se aterra;  
Quem chegará, de repente,  
Era o avô rico e robusto,,  
O grande Paulino Serra!...  
O avô disse logo a Neca:  
-"Muito às pressas, vim buscá-los,  
Pois sabem quanto os estimo!...  
Faleceu Paulino Serra,  
O nosso querido primo!...  
Ah! Tudo a morte consome!  
Foi ele, entre os meus parentes,  
O único deles todos  
A conservar o meu nome!..."  
Neca ouviu, tudo entendendo,  
Com cara da cor de cobre...  
O avô rico estava firme.  
Falecera o primo pobre.



## TESTES

**Jair Presente**

Ao seguirmos Jesus Cristo,  
Ante o Divino Chamado,  
Eis que temos desafios  
E testes por todo lado.  
É o teste da paciência,  
Pedindo sorriso e tato,  
Quando surge, de repente,  
Um sujeito frio e chato.  
É o teste do sinaleiro,  
Parado em cara amarela.  
É o desgosto inesperado  
Que surge da parentela.  
É a carga de obrigações,  
Que nos põe a vida em brasa.  
É a grosseria na rua  
E a briga dentro de casa.  
É o dinheiro que nos vem,  
Entre festança e barulho  
Erguendo-nos a cabeça  
Para as tolices do orgulho.  
É o choque rude e imprevisto,  
Levando-nos à doença,  
Ao sermos injuriados  
Pelas malícias da imprensa.  
É o chefe mal-humorado,  
Que nos pisa sem razão.  
É o amigo que nos deixa  
Na hora da provação  
Há tantos testes errados,  
Sem alguém que os desentorte,  
Que a gente chega a pensar  
Em mandinga e reza forte.

## VITÓRIA DO AMOR

**Jair Presente**

Era um casal invejável,  
Antonio e Dona Constança  
Os seis anos de casados  
Não lhes haviam trazido  
A bênção de uma criança.  
Declaravam-se cansados  
De procurar medicina;  
O bebê não vinha ao berço,  
Nem menino, nem menina.

Certo dia, o esposo Antonio  
Disse a Constança: "Querida,  
Você se lembra de Mena,  
A nossa ex-empregada,  
Há dois anos demitida"?  
- "Recordo"... - afirmou a esposa.  
- "Pois note", tornou Antonio,  
Falando compadecido:  
- "Ela deu-me hoje notícias  
Por telefone, a chorar...  
Diz ter tido uma criança,  
Sem casa para morar.  
Resolveu ser mãe solteira,  
Reside em cantinho à-toa,  
Dorme em paupérrima esteira  
Por bondade da patroa...  
É pobre moça da roça  
E disse que, se quisermos,  
A criança será nossa."

Dona Constança, contente,  
Coração bondoso e amigo,

Gritou, jubilosamente:  
- "Antonio, a filha de Mena  
Não sofrerá desabrigo.  
Vendo você satisfeito,  
Será nossa!... Não vacilo.  
Irei à maternidade  
Buscá-la. Fique tranqüilo."

Constança trouxe a menina,  
No máximo de emoção,  
Enquanto Mena, a mãezinha,  
Chorava de gratidão.

Tudo mudou no casal,  
Desde aquele belo dia;  
O lar brilhava de amor  
Em luminosa alegria...  
Tudo paz e segurança!...  
Mas oito dias depois,  
Dona aurora, a mãe de Antonio,  
Viúva rica e orgulhosa,  
Quis ver a neta adotiva,  
Que parecia uma rosa,  
E fez terrível carranca...  
Irritada, disse à nora:  
-" Foi um mau passo, Constança!...  
Não aceito essa menina  
Partilhando a minha herança;  
Não concordo com vocês,  
Nosso sangue ela não traz.  
Deus permita que ela morra,  
Que morra e nos deixe em paz."

Desde esse dia, a criança  
Adoeceu de repente;  
De corpo todo em feridas,  
Era um farrapo de gente...  
O pediatra amparou-a  
Fazendo esforço tremendo...  
Receitava, receitava  
E a pequenina morrendo.

Falou Constança ao marido:  
-" Vamos noutra direção.  
Você já terá ouvido,  
Em comentários a esmo,  
Quanto vale, em qualquer vida,  
A força da vibração.  
Para mudar minha sogra,  
Vou mentir!... Direi que a neta,

Enferma e triste, a morrer  
 É sua filha direta...  
 Direi que não será justo  
 Deixá-la assim desprezada,  
 Que é sua filha, às ocultas,  
 Com a nossa ex-empregada..."  
 Antonio aprovou a idéia.  
 Espantada, ouvindo a nora,  
 Depois de grande silêncio,  
 Assim falou Dona Aurora;  
 - " Eu logo vi a trama,  
 Essa empregada pamonha  
 Conquistou meu pobre filho,  
 Rapaz de pouca vergonha...  
 Nós duas vamos agir,  
 Sem afronta ou desacato,  
 A menina tem seu sangue,  
 Precisa de muito trato.  
 É isso, Constança, é a vida  
 Que nós sonhamos no bem,  
 A fazer-se desengano,  
 Ninguém preserva ninguém...  
 Você suporte meu filho  
 Sem qualquer choro ou querela...  
 Minha netinha querida!...  
 Eu cuidarei também dela..."

A menina, em poucos dias,  
 De manhã para manhã,  
 Estava agora mais linda,  
 Com faces cor de romã.  
 Após algumas semanas,  
 Achando o momento exato,  
 Antonia disse a Constança:  
 - " Sou a você muito grato,  
 Você não mentiu, querida,  
 Essa criança tão bela  
 É minha filha, de fato..."

Disse Constança, sorrindo,  
 Na maior descontração:  
 - " Antonio, se a menininha  
 É sua filha, no lar,  
 Passo então a declarar  
 Que ela será também minha!...  
 O que houve não me humilha,  
 Digo com justa razão...  
 Sua filha é minha filha,  
 Filha do meu coração!..."

## FOFOCA

**Jair Presente**

Desde Duque de Caxias,  
Dona Ofélia estava em pranto,  
No ônibus de carreira  
Repleto por todo canto.  
Junto dela, estava o esposo, o professor Irineu.  
Um amigo que se aproxima,  
Após saudá-los, pergunta:  
- "O que foi que aconteceu?  
Dona Ofélia assim chorando?"  
O professor aclarou:  
- "Ela chora com razão,  
O nosso Prata morreu..."  
- "Qual foi a causa da morte?"  
Disse o amigo tristemente,  
E o professor respondeu:  
- "Ele morreu de repente."  
O outro era o amigo Pedro  
Que consolou a senhora:  
- "Não chore assim, Dona Ofélia,  
Todos nós temos um tempo  
De partir, em nossa hora..."  
Dona Ofélia, confortada,  
Chorou mais. Fez um salseiro,  
Esclarecendo que o morto  
Fora um nobre companheiro.  
Pedro afastou-se buscando  
Um colega do caminho,  
E contou-lhe: "Eis que perdemos

Um excelente vizinho...”  
O amigo quis a notícia  
Mais fiel e mais exata.  
Dona Ofélia era sobrinha  
Do bilionário João Prata.  
Logo após, foi a notícia  
- Manchete esquisita e louca –  
Guardada por muita gente,  
Entregue, de boca em boca.  
Quando Irineu e senhora  
Desceram do coletivo,  
Pedro estava junto deles,  
Caminhando de olho vivo.  
No elegante palacete,  
Foram os três recebidos,  
Por Dona Marina Prata  
Em lágrimas e gemidos.  
Então é que Pedro soube  
Que o morto de nome “Prata”  
Era a jóia da família,  
Um cãozinho vira-lata.

## ONDE NASCE O MAL

**Jair Presente**

- "Em nós, onde nasce o mal?"  
Pergunta Dino ao Sarmiento.  
O amigo responde, logo:  
- "Nasce em nosso pensamento."

- "Mas como?" diz o colega;  
"Qualquer mal gera monturo,  
Por isso, o mal que trazemos  
Só se revela no escuro."

## SURPRESA

**Jair Presente**

Materializados, nós dois,  
Eu e o amigo Eleutério,  
Conversávamos contentes  
Junto a grande cemitério.  
Falávamos sobre a morte,  
Que nos liberta e ilumina...  
Vimos o horário não longe,  
Eram duas da matina.  
De repente muda a cena,  
Sem ensaiarmos a peça,  
Eis que um rapaz vem chegando,  
No passo de muita pressa.  
Tomáramos nossa forma  
De tal modo que, no fundo,  
Éramos nós dois rapazes  
Ou dois moços vagabundos.  
O companheiro saudou-nos  
No habitual "boa noite";  
Retribuímos sorrindo...  
Ele disse, muito amável:  
- "Vejam que o Céu está lindo!"  
E mostrando inquietação,  
Cochichou, como em segredo:  
- "Vocês me desculparão,  
Mas, perto de cemitério,



Sinto sempre muito medo...  
Rogo a vocês me perdoem,  
Entretanto, estimaria  
Que vocês comigo andassem,  
Nestes sítios de silêncio,  
Sendo minha companhia!..."  
- "Pois não!", falou Eleutério,  
e pusemo-nos a andar...  
O moço desconhecido  
Continuou a falar:  
- "Eu mesmo não sei por que,  
Até meus pés ficam tortos,  
Tenho frio e a boca seca,  
Se passo perto dos mortos...  
Vocês compreendem, não?"  
E eu respondi com cuidado:  
- "Eu também, quando entre os homens,  
Sentia um medo danado...  
Mas desde que faleci,  
Pois sou igualmente morto,  
Troquei o medo que eu tinha  
Por mais vida e reconforto..."  
Aí notei que o rapaz  
Que na calçada fria,  
Claramente desmaiado.

## A RESPOSTA DO GUIA

**Jair Presente**

Sessenta anos!... Tanto tempo  
Em plena mediunidade,  
João de Melo parecia  
Ter voltado à mocidade.  
Levantou-se muito cedo,  
Envergou a roupa nova,  
E os irmãos todos diziam:  
- "Joãozinho venceu a prova..."  
Mostrava-se o médium grato;  
No entanto, o que pretendia  
Era ouvir a opinião  
Na voz de seu próprio Guia.  
Entrou no quarto – o seu quarto –  
Colocou-se todo em prece.  
Logo após alguns momentos,  
Eis que o Guia lhe aparece.  
Notando-lhe o rosto sóbrio  
Disse João: "Irmão Macário,  
Estou celebrando hoje  
O meu novo aniversário!..."  
O Irmão mantinha silêncio,  
Mas João prosseguiu no assunto:  
- "Meu protetor, fale disto:

Sessenta anos quanto valem,  
Diante de Jesus Cristo?..."  
Então, o Guia explicou,  
Mostrando os olhos argutos:  
- "Sessenta anos para o Cristo  
São apenas seis minutos".

## FALTAVA

**Jair Presente**

Tudo nele era Cristo:  
A fé viva, o verbo ardente;  
As mãos no amor envolvente,  
A força ativa e sincera;

O caminho, a diretriz,  
A promessa e a confiança,  
As orações de esperança,  
Mas o bolso ainda não era.